

Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

EDITOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLuíDO) 100\$ - 100 PESETAS | ANO 134.º N.º 47 322 QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1998

DN INFORMÁTICA INSTANTÂNEA II
WINDOWS 98, OFFICE 97

Fichas grátis de segunda a sexta-feira
JÁ A PARTIR DE SEGUNDA-FEIRA COM O DN

desporto

Portugal vence
Eslováquia e renova
esperanças para
o Europeu 2000

PÁGINAS 35 E 36



sociedade

Vírus da sida pode
ser diferente
no sangue
e no esperma

PÁGINA 29

sociedade

Nova pílula concorre
com o «Viagra»
e promete mais
e melhor sexo

PÁGINAS 26 E 27

0 JAE

PJ desmente procurador

tupefacção na Gomes Freire. Cunha Rodrigues disse que a Judiciária tinha apenas um agente no processo. Afinal, eram sete

investigação sobre a Junta Au-
toma de Estradas não está a ser
maada apenas por um agente da
Judiciária – como afirmou
em o procurador-geral da Re-

pública, Cunha Rodrigues –, mas
sim por uma equipa de sete pes-
soas. Ao que o DN soube, as in-
vestigações envolvem, além do di-
to agente, um chefe de brigada, pe-

Finanças dos partidos: Rui Rio contra AD

Rui Rio, ex-secretário-geral e deputado do PSD, está contra o finan-
ciamento de empresas e particulares aos partidos. **Página 22**

ritos é um inspector da PJ. O DN
também sabe que as declarações
do procurador caíram mal entre os
funcionários de investigação cri-
minal da PJ. **Páginas 3 e 9**



AP - Denis Doyle

CERCADO. José Saramago foi ontem cercado pelas homenagens, mas teve tempo para participar na vigília da CGTP pelas 35 horas de trabalho. No Centro Cultural de
Belém foram muitos os que não faltaram à festa. Antes, o escritor visitou o DN, jornal onde já não entrava há 23 anos e onde foi director adjunto. **Páginas 46 e 47**

VERNO

Frente fiscal no Orçamento

proposto aumento de 15 por cento nas transferências para as regiões

O Orçamento de Estado, ontem
provado e apresentado aos partidos,
apresenta uma estratégia centrada
fisco, sem esquecer as regiões.

Para estas últimas o OE contempla
transferências para o poder local,
que crescem 47,6 milhões de con-
tos, ou seja, mais 15%. Na frente fis-

cal, as microempresas e firmas do
interior têm uma redução no IRC e
para as famílias é prometido um de-
sagravamento fiscal. **Páginas 4 a 6**

HOSPITAIS

Amadora-Sintra contrata enfermeiros no estrangeiro

■ Os responsáveis pela área da
Saúde do grupo José de Mello es-
tão a desenvolver acções para a
contratação de enfermeiros no Bra-

sil e em Espanha para trabalharem
em Portugal, quer no Hospital
Amadora-Sintra, quer no futuro
hospital da Expo. **Página 24**

PUBLICIDADE



**CORREIO REGISTRADO.
UM SERVIÇO QUE DÁ PROVAS.**

Artes & multimedia

«A Jangada de Pedra» será adaptada ao cinema

«A Jangada de Pedra», obra de José Saramago, será adaptada ao cinema pelo holandês George Sluizer, que diz manter com Saramago «uma afinidade político-filosófica e um ponto de vista também irónico». O guião foi

escrito pelo realizador de parceria com a húngara Ivette Biro, amiga de Sluizer, e de Saramago. Sluizer já contactou as atrizes Maria de Medeiros e Angela Molina para o filme, com conclusão prevista para 2000.



DN-Eduardo Tome

CONSAGRAÇÃO. Saramago recebendo o longo aplauso das pessoas que encheram ontem o Grande Auditório do Centro Cultural de Belém

Saramago visita família política

■ «Há alguns anos atrás, quando o meu nome começou a aparecer, achei por bem deixar claro uma questão, escrita para não haver dúvidas: se a condição para ganhar o Prémio Nobel for renunciar às minhas condições políticas, eu renunciarei ao Prémio. Hoje posso dizer que para ganhar o Prémio não precisei de deixar de ser comunista.» José Saramago foi peremptório ao dirigir-se aos muitos militantes que se reuniram numa homenagem promovida pelo PCP, ontem à tarde, no centro de trabalho do Edifício Vitória, em Lisboa.

Em ambiente de festa, comunistas de diferentes gerações, de cravos vermelhos ao peito, deram os parabéns ao «camarada Saramago», num «abraço colectivo», partilhado por todos os «trabalhadores portugueses». Como salientou o líder do partido, Carlos Carvalhas, a consagração da academia sueca «não foi festejada só nos salões. Foi também festejada nos campos do Alentejo, nas fábricas e nos estaleiros de Portugal».

O secretário-geral do partido em que o escritor milita há quase 30 anos, disse ser «uma honra para os comunistas portugueses».

«Hoje posso dizer que para ganhar o Prémio Nobel não precisei de deixar de ser comunista»

a atribuição do Nobel «a um militante do partido». Considerando esta consagração «um impulso e um estímulo para a luta universal de todos os comunistas». E, referindo-se aos cartazes que a Câmara Municipal de Lisboa distribuiu pela cidade, Carvalhas sugeriu uma alteração: «Parabéns camarada Saramago!»

Entre palmas, lágrimas e cravos vermelhos erguidos, os militantes, entoaram, em uníssono, o nome do partido. Afinal, «a luta continua com Saramago», um «homem de coragem» que alertou para «mantermos a esperança intacta e sermos coerentes e valentes no dia-a-dia».

Depois, a «família comunista», incluindo José Saramago, seguiu para a concentração da CGTP no Terreiro do Paço, numa vigília contra o pacote laboral do Governo, no Terreiro do Paço.

PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA

Palmas, palavras e Benfica

O CCB encheu-se para a homenagem nacional a José Saramago. Houve muitos aplausos e leitura de textos do escritor. Nem faltou uma bandeira dos outros «vermelhos», os do Estádio da Luz

MARIA JOÃO CAETANO

«Disseram-me que estava cá muita gente, mas eu não sabia. O que é muita gente?» O Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, em Lisboa encheu-se para a homenagem nacional ao escritor, Prémio Nobel da Literatura de 1998. Encheu-se de pessoas que não estavam ali para assistir a nenhum espectáculo de dança ou teatro nem precisaram de pagar bilhete para entrar. Apenas tiveram que esperar numa longa fila que cobriu toda a entrada e o passeio principal do CCB.

Quantas eram? Mas de 1700, asseguravam os funcionários. Muitas mais do que as 1490 que, em dias excepcionais, enchem as cadeiras do Grande Auditório. «Estão cá muitas pessoas», afirma José Saramago, a olhar para aquela gente de pé, mãos nas mãos num longo aplauso intermido, de vez em quando, para as palavras. «Mas não conto o número de pessoas, conto os sentimentos. E o que eu sinto é que neste auditório está o meu país.»

E ficámos sem saber se José Saramago tinha mais alguma coisa para dizer. Os aplausos irromperam mais uma vez, desta vez sem controlo nem vontade de acabar. Um senhor dirigiu-se ao palco e entregou a Saramago uma bandeira vermelha que tinha agitado durante toda a sessão. Não, não era uma bandeira do Partido Comunista. Era do Benfica. E Saramago agarrou-a com a mesma emoção.

Terminou com muito ruído uma homenagem que, caso raro, começou com silêncio. Muito si-

lêncio na sala porque havia palavras a ser ditas e não eram as dos discursos oficiais, eram as palavras que José Saramago escreveu nos seus livros. Convidados para as dizer estavam os actores João Grosso e Antonino Solmer. E as primeiras palavras vieram de *Desse Mundo e do Outro*.

«As palavras são boas, as palavras são más, ofendem, pedem desculpa, queimam, acariciam. (...) As palavras são boas, são más, são trigo e joio. Mas só o trigo dá pão.»

Mais aplausos. Gritou-se

Tipografia com dificuldades de resposta

Para satisfazer o aumento de encomendas dos livros de José Saramago e assim dar resposta à Editorial Caminho, a Tipografia Lousanense está «bastante empenhada» na produção, embora não possa atender a todas as solicitações.

O Nobel para José Saramago apareceu na «época alta»,

altura em que as tipografias estão ocupadas com os livros escolares e universitários. Neste momento, porém, esta tipografia está a imprimir *CADERNOS de Lanzarote, Memorial do Convento, História do Cerco de Lisboa, Terra do Pecado, Viagem a Portugal, Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Um prémio para a mais humilde das criaturas

Saramago quase chorou e deixou uma mensagem de esperança. O futuro da literatura portuguesa «depende dos cidadãos»

M. J. C.

«Estou na minha terra, quero ver as pessoas, sinto as pessoas, sinto os seus olhares. E deu-me a ideia, eu sei que não é assim mas deixem-me que o diga, deu-me a ideia que neste momento tudo é possível.» José Saramago emocionou-se. Ficou à beira das lágrimas. E, tal como ele confessou, teve que fazer muitas caretas para

evitar que as lágrimas corressem dos seus olhos.

Ontem, a sua mensagem foi de optimismo. De esperança no futuro. A felicidade dá-lhe para estas coisas. Ontem, José Saramago, nomeado leitor emérito da Biblioteca Nacional (um cargo que não existia antes), acreditava que havia uma possibilidade de futuro para a literatura portuguesa. «Depende de nós darmos-lhe

vida ou morte», disse. «Não tenha ilusões. O que os governos fazem é uma pequena parte. A outra parte pertence a nós, cidadãos.»

Pela sua parte, o escritor considerava-se apenas «um momento» nesta «linha interminável de palavras, de sentimentos, de ilusões e de esperanças, de tudo o que faz a nossa vida» e que é aquilo a que chamamos literatura portuguesa.

E é por isso que «os escritores

portugueses merecem ser lidos». Porque, como afirmou o ministro da Cultura, a história dos portugueses não se conta em compêndios e manuais mas está, sobretudo, nos livros que os portugueses escreveram. Nas ficções que, afinal, não são assim tão ficções. Pois como diz Saramago, «nós, os escritores, somos uns pobre diabinos. Vivemos de inventar coisas mas não inventamos nada. Inven-

tamos a partir do que outros já disseram, a partir daquilo que anda no ar».

E, no meio de tantos aplausos e de tantas palavras ditas, José Saramago, português, Prémio Nobel da Literatura, sente-se «a mais humilde das criaturas». «Porque tudo o que se está a passar é muito maior do que eu. Este prémio já não tem nada a ver comigo.» Tem a ver com todos nós.

REGRESSO

Saramago e um abraço ao «Diário de Notícias»

O reencontro, após 23 anos. Deixa escrito: «Procurem a verdade. Eu também a procurava»

MARIA AUGUSTA SILVA

Tarde de um Outono claro, e um senhor das letras, Nobel de azul vestido, José Saramago, a reencontrar-se com um *Diário de Notícias* do qual foi director adjunto em tempos de agitadas marés. Ponteiros a beirarem as 15 e 30. Ontem. A emoção recíproca de um abraço. Mário Bettencourt Resendes, director do DN, aguçava Saramago e sua mulher Pilar, discreta, um sorriso moreno, à porta principal do DN voltada para a Avenida da Liberdade.

Uma ronda pelo átrio, os pais de Almada, mais a livaria que no meu tempo não existia aqui», comenta o autor de o *Memorial do Convento*. Entrada no elevador «rejuvenescido». Uns minutos na Sala Verde. Saramago, Pilar e Zeferino Coelho, seu editor da «Caminho». Cumprimentos e felicitações. Palavras acolhedoras de Luciano Patrão, presidente do Conselho de Administração do *Diário de Notícias*, e dos administradores Alberto Rosário e Luís Bordallo Silva. «Houve tempos em que as paredes desta sala se cobriam de cartazes, agora está muito tranquila. Mas, de vez em quando, são precisas manifestações, aí pela rua.»

O tempo passado «bem no consciente», mais um «tempo presente, que existe, mas não conseguimos parar, e um tempo futuro, que não poderia construir-se sem um tempo passado». Pés a caminho da Redacção. Muias palmas. Parabéns a Saramago. Ao escritor de língua portuguesa. Ao Nobel. Ao jornalista que também foi. Abraços mais estreitados a velhos amigos e camaradas da Redacção. «Estamos todos com menos cabelo!», disse, bem disposto, a Fernando Pires, antigo chefe de Redacção do DN.

Uma boa disposição contagiante. Bettencourt Resendes apresentou-lhe António Ribeiro Ferreira, director adjunto. «Olhe que os adjuntos são quase sempre os que se lixam!»; Saramago a ironizar por analogia ao cargo que desempenhara no DN entre 9 de Abril a 25 de Novembro de 1975. «Nessa noite fatal – e estou a revelar isto pela primeira vez – houve redactores e tipógrafos que, naturalmente, se movimentavam para que o jornal se publicasse no dia seguinte. Assumi uma posição: não permitiria que fosse posta em risco a segurança dos trabalhadores. E o jornal não saiu.»

Um Saramago de coração aberto. O primeiro autógrafo na Redacção: apõe uma dedicatória

«Na noite de 25 de Novembro não permiti que fosse posta em risco a segurança dos trabalhadores»

na crónica de António Rego Chaves, «Uma mão-cheia de bênçãos bem vermelhas para o português José Saramago», referida pelo Nobel da Literatura na sua primeira intervenção pública, ao chegar a Lisboa. E muitos mais autógrafos, depois de Bettencourt Resendes lhe haver oferecido *A Vida das Imagens*, álbum que assinala o 130.º aniversário do nosso jornal, e *Primeira Página*, volume onde Saramago redescobre editoriais e apontamentos de sua autoria. «Era quando eu dizia *somem a esquerda com a esquerda*, mas não foi assim...» Bettencourt Resendes ombreando na elegância da ironia: «A matemática nem sempre é uma ciência exacta!»

Mais lembranças: a primeira página da consagração, concebi-



AFABILIDADE. Saramago e sua mulher Pilar recebidos por Luís Silva, administrador delegado da Lusomundo



REPORTAGEM. José Saramago, o Nobel disponível, sempre, para a reportagem que assinala um reencontro histórico

Um retrato a óleo para lugar de honra

Luís Silva, administrador delegado da Lusomundo, honrado com a visita de Saramago. E o Nobel, também. «Afim, faço parte do património do *Diário de Notícias*, por onde passa a história deste país, com os seus altos e baixos.» Sublinha o facto de o director do DN, Mário Bettencourt Resendes,

ter escrito isso mesmo, antes da atribuição do Nobel.

«Vivemos tempos que nos valorizaram a todos, cada um nas suas trincheiras», realça o líder do grupo Lusomundo, Luís Silva. E convidou Saramago para um retrato a óleo que integrará a galeria de honra do DN. Saramago aceitou.

da graficamente por José Maria Ribeirinho, a partir de uma fotografia de Marcelo Buainain. Ainda o antigo repórter fotográfico do DN, António Aguiar, com Saramago a engraxar os sapatos na Estrela. Outro autógrafo.

E José Saramago a voltar ao lugar de jornalista. Eram 15 e 54. No computador onde nascia esta reportagem, Saramago escreveu, 23 anos após ter deixado o DN: «Procurem a verdade. Eu também a procurava.»

Estranha viagem de um livro

Exemplar roubado de «O Ano da Morte de Ricardo Reis» refaz o percurso do seu protagonista, entre a Rua do Alecrim e o Alto de Santa Catarina

MANUEL ROSA DIAS

Rua do Alecrim, 17 de Julho de 1984. Desço para o Cais do Sodré. Tiracolo, o saco do costume com livros e papéis.

A meio da rua, um carro pára a pedir qualquer informação. Abaixo-me e um dos ocupantes fila a porta do saco, enquanto o carro melera por ali abaixo. Corro no passeio sem poder desvençar-me, até que vou ao chão.

Levanto-me a praguejar, em frente ao Hotel Bragança. Vem comigo um senhor que copiou a matrícula do carro: «Se precisar de testemunhas, sou empregado aqui do hotel.»

Na manhã seguinte, tenho no jornal uma indicação da polícia: o livro fora encontrado no Alto de Santa Catarina.

Que emoção! Os ladrões não se interessam por livros. Ainda lá estava *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, que uma amiga me oferecera na véspera. Tinha-o lido, algum tempo antes, ainda quente da tipografia, por um exemplar em trânsito (da Caminho para as mãos de um premiado do «DN Jovem»). Não pude deixar de notar a coincidência.

Na obra de Saramago, Ricardo Reis desembarca em Alcântara e é levado de táxi para o Hotel Bragança. Leiam: «O motorista olhou pelo retrovisor, julgou que o passageiro não ouvia, já abria a boca para repetir, Para onde, mas a resposta chegou primeiro, ainda irresoluta, suspensiva, Para um hotel, Qual, Não sei, e tendo dito, Não sei, soube o viajante o que queria, com tão firme convicção

como se tivesse levado toda a viagem a ponderar a escolha; Um que fique perto do rio, cá para baixo, Perto do rio só se for o Bragança, ao princípio da Rua do Alecrim» (pág. 17).

O paralelo não fica por aqui. Quando começa a aborrecer-se da vida de hotel, Ricardo Reis procura uma casa particular e descobre-a num anúncio do DN: «casa mobilada, Rua de Santa Catarina, indemnização». Faz negócio e instala-se. Apetecia transcrever três páginas. Fiquem-se com este bocadinho: «Em poucos minutos chegou Ricardo Reis ao Alto de Santa Catarina (...), aproximou-se duma janela, através duma vidraça sem cortina viu as palmeiras do largo, o Adamastor, os velhos sentados no banco, e o rio sujo de barro lá adiante» (pág. 205/206).

Uma condecoração dada a título excepcional

Grã Cruz da Ordem de Santiago e Espada

■ José Saramago vai receber, a título excepcional, o grande colar da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago e Espada.

O anúncio da distinção foi feito ontem por Jorge Sampaio, Presidente da República, e a cerimónia de entrega das insígnias será feita proximamente. Segundo a lei portuguesa, tal distinção só pode ser atribuída a chefes de Estado, pelo que se terá de aguardar uma alteração ao decreto-lei que a regulamenta.

A homenagem de Sampaio no Palácio de Belém a José Saramago e a elevada condecoração que foi ontem atribuída têm uma explicação. Personalidade dos meios universitários, que pertenceu à chancelaria das ordens e que pediu o anonimato, explicou ao DN que «José Saramago pos-

suía apenas a comenda de Sant'Iago por decisão de Ramalho Eanes, que lhe impôs as respectivas insígnias».

Acrescentou-nos ainda que, «perante a recente inflação de grã-cruzes, nomeadamente de Sant'Iago, o Presidente da República, que também é o grão-mestre de todas as ordens honoríficas, resolveu, em face do Nobel da Literatura a Saramago, atribuir-lhe o grande colar de Sant'Iago, só concedido a chefes de Estado e a mais alta condecoração existente após a Torre e Espada».

Na cerimónia de homenagem ao Prémio Nobel da Literatura, Jorge Sampaio garantiu ainda que vai estar presente em Estocolmo na altura em que o prémio for entregue ao escritor, a 10 de Dezembro.